HIP HOP, JUVENTUDES PERIFÉRICAS E EMERGÊNCIAS CLIMÁTICAS: DIÁLOGOS ENTRE ENSINO DE GEOGRAFIA, TERRITÓRIO E (IN)JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL NO SUL DO BRASIL

Rudimar da Rocha Rebello [1]

[1] Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO; Guarapuava, Paraná – E-mail: manohood@outlook.com
ORCID: https://orcid.org/my-orcid?orcid=0009-0004-7070-8423

RESUMO EXPANDIDO

A partir das vivências de pesquisa no campo da Geografia no Sul do Brasil, especialmente em diálogo com as expressões da arte periférica do Hip Hop, compreende-se que a região apresenta desafios significativos relacionados às desigualdades sociais, às vulnerabilidades socioambientais, às emergências climáticas e às constantes transformações do território. Ao analisar diferentes contextos e realidades socioespaciais, observou-se como temas como diversidade cultural, territorialidades, urbanização, desigualdades, racismo ambiental e mudanças climáticas influenciam diretamente a organização do espaço geográfico e as formas de vida das comunidades (SANTOS, 1996; SANTOS, 2007; BELMONT, 2023).

Essas reflexões ganham centralidade no município de Guarapuava (PR), território onde as pesquisas foram iniciadas e seguem em desenvolvimento. Os resultados apresentados articulam diferentes momentos do percurso investigativo desenvolvido ao longo da formação em Geografia e Educação, evidenciando continuidades, reelaborações teórico-metodológicas e novas tendências de investigação sobre ensino, juventudes, cultura e território. Reúnem contribuições oriundas do Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia (REBELLO, 2014), aprofundadas posteriormente na Dissertação de Mestrado em Educação (REBELLO, 2018), e atualmente ampliadas na pesquisa de doutoramento.

Ao longo desse percurso investigativo, consolidou-se a compreensão da importância de fortalecer uma Geografia crítica e comprometida com as realidades sociais, capaz de aproximar o conhecimento acadêmico formal dos saberes produzidos nos contextos locais e das práticas educativas não formais. Conforme defende Cavalcanti (2012), o ensino de Geografia precisa estabelecer relações entre os conhecimentos escolares e as experiências vividas pelos sujeitos. Tal perspectiva torna-se especialmente relevante diante dos desafios contemporâneos relacionados às emergências climáticas, que afetam de maneira desigual diferentes grupos sociais e evidenciam a necessidade de compreender as relações entre educação, território, culturas juvenis e justiça socioambiental (BELMONT, 2023; OURO et al., 2025).

As transformações sociais, culturais e educacionais das últimas décadas ampliaram o debate sobre a necessidade de construir práticas pedagógicas mais próximas das realidades vividas pelos estudantes. Nesse contexto, as culturas juvenis assumem papel central ao evidenciarem formas próprias de expressão, produção de sentidos e leitura do mundo. Segundo Dayrell (2003), os jovens devem ser compreendidos como sujeitos sociais ativos que produzem significados sobre seus

territórios e experiências. Entre essas manifestações, o Hip Hop destaca-se por sua força estética, política e comunicacional, constituindo-se como importante movimento cultural urbano capaz de articular identidade, crítica social e pertencimento territorial (FELIX, 2004; ROSE, 2008).

Mais do que uma expressão artística, o Hip Hop apresenta potencial educativo ao possibilitar diálogos entre experiências cotidianas das juventudes e conhecimentos escolares. Conforme Rebello (2018), as linguagens produzidas nas ruas constituem possibilidades educativas que ampliam processos de aprendizagem. Ao mesmo tempo, constitui-se como linguagem de denúncia e resistência frente às desigualdades estruturais e aos impactos socioambientais vivenciados nos territórios periféricos (SANTOS, 2019; SILVA, 2006). Nesse sentido, este trabalho propõe discutir o Hip Hop como ferramenta pedagógica no ensino de Geografia e como possibilidade metodológica para compreender experiências juvenis relacionadas às desigualdades socioambientais e às emergências climáticas.

A pesquisa de doutoramento surge justamente de inquietações relacionadas às transformações do contexto social contemporâneo e às formas desiguais como diferentes grupos experienciam seus efeitos. Parte-se da compreensão de que juventudes periféricas frequentemente aparecem associadas apenas a problemas sociais como violência, desemprego e evasão escolar, invisibilizando seus saberes, formas de organização e estratégias de enfrentamento das desigualdades. Como discutem Dayrell (2003) e Gamalho (2023), essa leitura reduzida da juventude desconsidera suas capacidades de produção cultural e ação social. Diante disso, amplia-se o olhar para compreender também como essas juventudes vivenciam os impactos das emergências climáticas no cotidiano urbano.

O estudo volta-se para jovens periféricos vinculados ao movimento Hip Hop em Guarapuava (PR), buscando compreender como percebem e experienciam desigualdades socioambientais associadas às mudanças climáticas e como essas experiências dialogam com as noções de (in)justiça climática e racismo ambiental. Parte-se da hipótese de que jovens inseridos em territórios marcados por vulnerabilidades e segregações mobilizam os saberes produzidos pela cultura Hip Hop como forma de expressão crítica sobre os impactos ambientais e sociais presentes em seu cotidiano (REBELLO, 2018; BELMONT, 2023).

Ao abordar especialmente dois elementos centrais da cultura Hip Hop — o RAP e o grafite — observa-se que ambos apresentam potencial para contribuir tanto para práticas pedagógicas no ensino de Geografia quanto para leituras críticas das experiências territoriais. As letras de RAP e as intervenções urbanas por meio do grafite permitem problematizar conceitos geográficos como território, paisagem, lugar, desigualdade socioespacial, vulnerabilidade ambiental e conflitos territoriais (SILVA; PIRES, 2014; REBELLO, 2014).

Essa discussão fundamenta-se em estudos sobre juventudes, territorialidades, pedagogias culturais e ambientais, multiletramentos, educação antirracista, justiça climática e educação socioambiental. Conforme Rojo (2012), os processos educativos contemporâneos exigem reconhecer múltiplas linguagens e formas de produção do conhecimento. Compreende-se que os sujeitos constroem leituras próprias sobre os espaços que ocupam.

Estudos recentes sobre Hip Hop e educação demonstram que esse movimento vem sendo incorporado em diferentes contextos escolares como recurso metodológico capaz de aproximar conteúdos acadêmicos das realidades vividas pelos estudantes. Conforme Rebello (2018), as práticas culturais vinculadas ao Hip Hop possibilitam estabelecer conexões entre conhecimentos escolares e experiências territoriais juvenis. As produções do RAP e do grafite estimulam reflexões sobre desigualdade, identidade cultural, pertencimento, racismo e disputas territoriais (FELIX, 2004; ROSE, 2008), ao mesmo tempo em que permitem ampliar discussões sobre os efeitos desiguais das mudanças climáticas nas cidades (BELMONT, 2023; OURO et al., 2025).

Nesse sentido, o ensino contemporâneo de Geografia busca superar abordagens centradas apenas na transmissão de conteúdos, priorizando interpretações críticas sobre as relações entre sociedade e espaço. Segundo Cavalcanti (2012), a Geografia escolar deve favorecer processos de leitura crítica do espaço vivido e estimular a compreensão das dinâmicas territoriais. A Geografia escolar passa a assumir o papel de promover análises sobre território, redes, fluxos, desigualdades e processos socioambientais, permitindo compreender que os impactos climáticos não atingem todos os sujeitos da mesma forma e que determinados grupos sociais permanecem mais expostos às situações de risco (SANTOS, 1996; CASTELLAR, 2017).

A metodologia adotada possui abordagem qualitativa e interpretativa, articulando diferentes encaminhamentos metodológicos. Sendo realizadas revisão bibliográfica atualizada, análise documental e reflexão sobre experiências pedagógicas e culturais desenvolvidas com jovens. Também compõem o percurso metodológico estratégias como pesquisa militante, grupos de conversa, acompanhamento de campo, observação das territorialidades juvenis, entrevistas e análise de produções culturais vinculadas ao Hip Hop, especialmente letras de RAP e grafites. Conforme Bartholl (2015), a pesquisa militante possibilita compreender os sujeitos pesquisados a partir da inserção nos contextos sociais e das práticas coletivas produzidas nos territórios.

Paralelamente, foram analisados documentos orientadores das políticas educacionais brasileiras, com destaque para a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), buscando identificar aproximações entre suas diretrizes e o uso de linguagens culturais nos processos educativos. Nesse contexto, compreende-se que o reconhecimento da diversidade de linguagens e repertórios culturais contribui para ampliar possibilidades educativas e fortalecer processos de aprendizagem situados (ROJO, 2012).

Os resultados indicam que o Hip Hop apresenta potencial significativo como ferramenta pedagógica no ensino de Geografia e como dispositivo de leitura crítica das desigualdades socioambientais contemporâneas. Entre os principais aspectos observados está o fortalecimento dos multiletramentos, uma vez que o Hip Hop mobiliza linguagens sonoras, textuais, visuais e corporais, ampliando formas de interpretação e produção do conhecimento. Conforme Rojo (2012), os multiletramentos exigem reconhecer diferentes formas de expressão e ampliar os modos de construção do saber no ambiente educativo.

Também se observou que as experiências territoriais expressas pelo RAP e pelo grafite favorecem a compreensão das categorias geográficas e permitem discutir, de forma situada, os impactos das emergências climáticas sobre os territórios periféricos. As narrativas produzidas pelos jovens revelam percepções sobre ausência de infraestrutura urbana, exposição desigual aos riscos ambientais e diferentes formas de resistência e organização comunitária (REBELLO, 2018; HAESBAERT, 2004; BELMONT, 2023).

Outro aspecto relevante refere-se à contribuição do Hip Hop para práticas educativas comprometidas com a educação antirracista e ambiental. As produções vinculadas ao movimento frequentemente abordam exclusão social, racismo, desigualdade e resistência cultural, criando possibilidades para que essas questões sejam discutidas criticamente nos espaços escolares (CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DA GESTÃO PÚBLICA E POLÍTICAS EDUCACIONAIS, 2021; SANTOS, 2019). Nessa direção, compreende-se que práticas educativas contextualizadas favorecem leituras mais amplas das relações entre território, cultura e justiça socioambiental.

Conclui-se que o Hip Hop constitui uma importante ferramenta pedagógica para o ensino contemporâneo de Geografia e um caminho potente para compreender experiências juvenis frente às emergências climáticas. Sua utilização contribui para ampliar repertórios didáticos, fortalecer práticas educativas democráticas e aproximar os conteúdos escolares das realidades vividas pelos estudantes

(REBELLO, 2018; CAVALCANTI, 2012). Ao integrar linguagens culturais ao processo educativo, torna-se possível desenvolver uma educação mais crítica, inclusiva e sensível às territorialidades contemporâneas, fortalecendo ações voltadas ao enfrentamento das desigualdades socioambientais e à construção de práticas de justiça climática (ROJO, 2012; BELMONT, 2023; OURO et al., 2025).

PALAVRAS-CHAVE

Hip Hop; Juventudes; Culturas Juvenis; Ensino de Geografia.

AGRADECIMENTOS

O autor agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa de doutorado concedida (Processo 422582/2025-5 / Conforme Edital Nº 50/2025-PROPESP/UNICENTRO) "Impactos e percepções da emergência climática na região centro-sul do Paraná".

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2010.

BARTHOLL, T. Territórios de resistência e movimentos sociais de base: uma investigação militante em favelas cariocas / Timo Bartholl. – Niterói: [s.n.], 2015. 433 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, 2015.

BELMONT, Mariana, Racismo ambiental e emergências climáticas no Brasil [livro eletrônico] / organização Mariana Belmont. -- São Paulo, SP: Oralituras: Instituto de Referência Negra Peregum, 2023. PDF Vários autores. Disponível: https://fmclimaticas.org.br/wp-content/uploads/2023/11/Racismo-Ambiental-E-Emergencia-Climatica.pdf. Acesso em 30.07.2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. Cartografia escolar e o pensamento espacial: fortalecendo o conhecimento geográfico. Revista Brasileira de Educação em Geografia, 2017. https://doi.org/10.46789/edugeo.v7i13.494

CAVALCANTI, Lana de Souza. O ensino de geografia na escola. Campinas (SP): Papirus, 2012. p. 39-59; p. 175-198.

CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DA GESTÃO PÚBLICA E POLÍTICAS EDUCACIONAIS (FGV DGPE). Trilhos da alfabetização: por uma educação antirracista (Maranhão). Rio de Janeiro: FGV Editora, 2021. 80 p.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. Revista Brasileira da Educação, Campinas, n. 24, p.40-52, set. / dez. 2003.

FELIX, João Batista de Jesus. Hip Hop: Cultura e Política no Contexto Paulistano. Tese de Doutorado FFLCH / USP, 2004.

GAMALHO, Nola Patrícia. Juventudes e as periferias. Geografias das Juventudes./ Victor Hugo Nedel Oliveira (org.). – Porto Alegre, RS: GEPJUVE, 2023.

GOMES, Marquiana de Freitas Vilas Boas. Abordagem metodológica de elaboração e uso de SIG em bacias hidrográficas: contribuição à educação ambiental. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, UNESP, Presidente Prudente. 2002. p. 276.

HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

LINDOLFO FILHO, J. In: PAIS, J. M; BLASS, L. M. da S. (org). Tribos urbanas: produção artística e identidades. Annablume, 2004.

OPENAI. ChatGPT (versão Free). Utilizado para apoio na revisão gramatical do texto. Disponível em: https://openai.com/. Acesso em: 21 maio 2026.

OURO Antonio, FELIN Bruno, BETTI Luana, ALVES Luciana, OLIVEIRA Millena, BARREIROS Rogger. Entenda o que é justiça climática – Programa de Clima – WRI BRASIL. 11 Fev. 2025.

REBELLO, R. R. O Hip Hop como instrumento de aprendizagem no ensino de Geografia. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, 2014.

REBELLO, R. R. L. Hip Hop: o ensino das ruas. 168p. Dissertação de Mestrado em Educação – UNICENTRO - Universidade Estadual do Centro-Oeste. Guarapuava, 2018.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R.; MOURA, E. (Org.). Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 11-31.

ROSE, Tricia. The hip hop wars : what we talk about when we talk about hip hop / Tricia Rose. p. cm. Includes bibliographical references and index. ISBN 978-0-465-00897-1 (alk. paper), 2008.

SANTOS, José Henrique de Freitas. Linhas de fuga da prisão sem grades: o Hip Hop como uma pedagogia antipanóptica. In: SANTOS, José Henrique de Freitas; ASSUMPÇÃO, Simone Souze de (Orgs.). Redes de aprendizagem entre a escola e a universidade. Salvador: Edufba, 2019. p. 271-290.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. (2007). A Urbanização Brasileira. São Paulo: Hucitec.

SILVA, Ademir José da. PIRES, Mateus Marchesan. As letras de rap como recurso metodológico no ensino de Geografia e na percepção do espaço vivido. Cadernos PDE, Paraná. v. 1, p. 1-15, 2014.

SILVA, Antonio Leandro da. Música rap: narrativa dos jovens da periferia de Teresina – PI. Imaginário [online]. 2006, vol.12, n.13, pp. 83-112.

SILVA, D. W.; TURRA NETO, N. Movimento Hip Hop de Guarapuava: primeiras aproximações. In: I Workshop Regional de Geografia e Mudanças Ambientais, 2007, Guarapuava. Anais, Guarapuava: UNICENTRO, 2007 p.173-178.

SPOSITO, M.P. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. Rev Sociol USP 1994; 161-178.